nova escola

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR

BNCC NA PRÁTICA

Tudo que você precisa saber sobre **Língua Portuguesa**

ILUSTRAÇÕES: RITA MAYUMI

REALIZAÇÃO:
associação nova escola

CO-REALIZAÇÃO:
FUNDAÇÃO Lemann

Índice

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU
Propostas focam na gramática e nos gêneros digitais 4

CAPÍTULO 2 // O QUE E COMO ENSINAR
O que muda entre os PCNs e a BNCC de Língua Portuguesa? 12

CAPÍTULO 3 // EXEMPLO PRÁTICO
Conheça seis gêneros digitais sugeridos pela BNCC 16

CAPÍTULO 4 // COMPETÊNCIAS
Por dentro das competências da Língua Portuguesa 19

CAPÍTULO 5 // ANÁLISE DA ESPECILISTA
BNCC: entre tantas mudanças, muitas continuidades 27

CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR
Roxane Rojo: "Finalmente, entramos no século 21 no ensino de linguagem" 31

CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO
Conheça as melhores obras para se aprofundar na BNCC de Língua Portuguesa 36

CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS
O que você sabe sobre as mudanças em Língua Portuguesa na BNCC? 39

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os direitos de aprendizagens de todo aluno e aluna do Brasil. É uma mudança relevante no nosso processo de ensino e aprendizagem porque, pela primeira vez, um documento orienta os conhecimentos e as habilidades essenciais que bebês, crianças e jovens de todo o país têm o direito de aprender – ano a ano – durante toda a vida escolar. Mas ainda há dúvidas sobre esta política pública e as mudanças que ela traz. A primeira delas: o que é a BNCC? Como ela impacta as minhas aulas? Como me preparar para colocá-la em prática? Para ajudá-lo nestas e outras questões, a **NOVA ESCOLA**, em parceria com a Fundação Lemann, preparou uma série de e-books sobre as mudanças em cada disciplina do Ensino Fundamental e na etapa da Educação Infantil.

Nosso objetivo é destrinchar as principais mudanças e concretizar a implementação da BNCC. Esse guia é o primeiro passo. Leia e converse com o coordenador pedagógico ou o diretor da sua escola. É importante que todos os professores também façam a leitura. Depois, acesse nossos cursos de formação online e planos de aula já alinhados à BNCC. Todo o material é gratuito.

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU

Propostas em Língua Portuguesa da BNCC focam na gramática e nos gêneros digitais

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o foco da disciplina é formar para os diversos usos da linguagem e para a participação na sociedade de forma crítica e criativa

TEXTO: RITA TREVISAN

Boa notícia para os professores de Português do Fundamental 1 e 2: a BNCC mantém muitos dos princípios adotados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Um deles é a centralidade do texto e dos gêneros textuais. Isso quer dizer que o ensino de português precisa continuar contextualizado, articulado ao uso social da língua. No entanto, entre as duas décadas que separam os dois documentos, os estudos de linguagens evoluíram bastante. Da mesma forma, a sociedade também passou por profundas alterações, sobretudo por conta da ampliação do uso da tecnologia. A BNCC reflete esse avanço, que se manifesta, principalmente, em dois aspectos: a presença de textos multimodais – popularizados pela democratização das tecnologias digitais – e as questões de multiculturalismo – uma demanda política da contemporaneidade.

A seguir, você encontra um resumo das novidades que a BNCC introduz na organização do ensino.

1 AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM SE MANTÊM, MAS É INSERIDA A SEMIÓTICA

Nos PCNs, a disciplina se organizava em três grandes blocos de conteúdo: Língua Oral, Língua Escrita e Análise e Reflexão sobre a língua. A estrutura proposta pela BNCC se assemelha a essa organização. No novo documento, as habilidades estão agrupadas em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica.
A diferença central refere-se à inserção da análise semiótica. Essa área se refere ao estudo de textos em múltiplas linguagens, incluindo as digitais: como os memes, os gifs, as produções de youtubers etc. Outra mudança é que, para cada um dos eixos, a BNCC propõe um quadro que explicita como se relacionam as práticas de uso e de reflexão. Ou seja: o documento avança na descrição de como podemos refletir sobre a língua, a fim de nos empoderarmos em seu próprio uso.

2 OS CAMPOS DE ATUAÇÃO GANHAM DESTAQUE

Atuação têm, praticamente, a mesma importância dos eixos temáticos na organização dos objetivos e habilidades que devem ser desenvolvidos durante todo o Ensino Fundamental. De forma geral, sua principal contribuição ao documento é demandar protagonismo dos alunos, mesmo os de anos iniciais, deixando bem clara a necessidade de contextualizar as práticas de linguagem. Para isso, a base leva em conta os campos:

DA VIDA COTIDIANA;

DA VIDA PÚBLICA;

DAS PRÁTICAS DE ESTUDO E PESQUISA;

ARTÍSTICO/LITERÁRIO.

>>> SAIBA MAIS
Os campos de atuação são as áreas de uso da linguagem, na vida cotidiana. Por exemplo: no campo de atuação artístico-literário,

temos o uso da língua voltado à produção e à leitura de contos, romances, peças de teatro, poemas. Nesse caso, trata-se de gêneros textuais e usos da linguagem com predominância da atuação artístico-literária. No campo de atuação jornalístico/midiático, encontramos os textos com outra tônica: a da transmissão de informações, da comunicação, da intenção de "vender" um produto/ideia etc.

3 AS DIFERENTES PRÁTICAS APARECEM MAIS CONECTADAS

Outro avanço do novo documento é a articulação entre as práticas, a partir do entendimento de que a língua mobiliza os diferentes saberes. Assim, as habilidades de escrita constantemente aparecem integradas com práticas linguísticas como as de leitura e as de análise linguística/semiótica. Veja como exemplo a habilidade abaixo:

Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem e legendas para álbuns, fotos ou ilustrações (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/ finalidade do texto. (EF01LP17).

A formulação se refere a duas atividades articuladas entre si: planejar e produzir a escrita. Os gêneros são indicados (listas, agendas, calendários etc.), assim como é explicitado o campo de atividade, a situação comunicativa, o tema e a finalidade da produção. Mas, para que o aluno desenvolva a habilidade proposta, o professor terá que planejar práticas de leitura/escrita e outras atividades didáticas em que esses fatores estejam envolvidos. E nas quais o aluno seja levado a reconhecê-los na leitura e a considerá-los na produção. Exemplo: que lista será produzida? Por que vamos produzi-la? Para que ela vai servir? Como ela pode facilitar nossa ação? Quem vai usá-la? Que linguagem devemos usar para que ela atinja seus objetivos? Vale destacar que, para esse trabalho, só o texto não basta, será preciso contextualizar o conhecimento escolar, a partir de situações sociais significativas para os estudantes.

4 A GRAMÁTICA VOLTA À CENA

Em relação aos PCNs, na Base as questões gramaticais estão mais explicitadas e são indicados os conteúdos que precisam ser tratados em cada ano. Ainda assim, a proposta é que a gramática seja compreendida em seu funcionamento e que não seja tratada como um conteúdo em si, de maneira descontextualizada das práticas sociais. A memorização de regras deve ser substituída pela compreensão das formas de uso, de acordo com a situação. Em resumo: a ideia é que a gramática seja discutida junto aos textos.

5 DIVERSIDADE CULTURAL

Além de apontar a importância de se organizar as práticas de sala de aula de acordo com os eixos temáticos e os campos de atuação, a Base chama a atenção para o cuidado que é preciso ter ao selecionar conteúdos que expressem a diversidade cultural do nosso país no momento de planejar cada aula. O que se propõe é a ampliação do repertório dos alunos, a interação com culturas, línguas e usos linguísticos diversos. A ideia é que os estudantes conheçam e aprendam a valorizar essas diferenças.

6 INTERPRETAÇÃO E SENTIDOS

A Base também amplia, no campo da Análise Linguística e da Semiótica, a interpretação de textos a partir das imagens, links e demais recursos que os compõem. O documento propõe, por exemplo, a observação da formatação dos mais diversos textos, inclusive em ambientes digitais, de modo que o aluno consiga entender que a escolha da diagramação do conteúdo também é portadora de sentido. Com as fotos, o estudante deve ser capaz de perceber a intencionalidade que há por trás da imagem, transmitida por informações como o enquadramento, a luz utilizada etc.

7 LEITURA CRÍTICA

A BNCC destaca a importância de desenvolver habilidades que se mostram imprescindíveis para ler e compreender a realidade transformada pelo avanço tecnológico, como é o caso da necessidade de empreender uma curadoria competente das fontes de informação consultadas, a fim de saber lidar de forma crítica e responsável com as fake news.

Dada a relevância desse assunto na sociedade atual, a Base sugere trabalhar para capacitar o aluno a fazer uma leitura crítica e, inclusive, a fazer inferências sobre a veracidade – ou não – dos fatos. É importante que o aluno questione a origem da informação que chega até ele e que conheça recursos dos quais pode lançar mão para qualificar esses dados, antes de aceitá-los como referência segura.

>>>NA PRÁTICA

Com a popularização de redes sociais, a produção e a divulgação de mentiras foram intensificadas. Um caso emblemático aconteceu depois da morte da vereadora carioca Marielle Franco, em março de 2018. Circulou pelo WhatsApp que ela havia sido casada com um traficante, engravidado aos 16 anos e se elegido com a ajuda do crime organizado. Para ajudar a combater a desinformação, cada vez mais especialistas propõem que seja feita uma nova abordagem no trabalho com textos jornalísticos em sala de aula. Trata-se do letramento midiático, conjunto de habilidades que envolve acessar, analisar, avaliar e criar conteúdos na internet. Veja mais detalhes sobre esse trabalho na reportagem publicada em NOVA ESCOLA. Perguntas importantes que podem ser feitas ao analisar cada notícia:

QUAL A URL DO SITE? VOCÊ CONHECE? cAlguns sites de fake news usam endereços parecidos com o de grandes sites e jornais, mas mudam detalhes. Fique atento à grafia e terminação do link. Como boa parte dos sites está registrada fora do Brasil, o endereço não termina com ".br".

QUAL É A DATA DA PUBLICAÇÃO? Informações antigas podem ser republicadas em lugar de destaque, de maneira a enganar os leitores, passando a ideia de que o fato é recente.

QUEM ASSINOU? É comum que fake news não tenham a identificação do autor. Mas se o nome estiver publicado, verifique se é uma pessoa conhecida ou se ela já escreveu outros textos e se eles são verdadeiros.

SAIU EM OUTRO VEÍCULO? Se possível, faça uma pesquisa rápida e verifique se a notícia também foi divulgada em um meio de comunicação conhecido e com credibilidade.

AS LEGENDAS TÊM A VER COM AS FOTOS? HÁ ALGO DE ESTRANHO NELAS? Se as cores ou os cortes da imagem parecem estranhos, ou a descrição não corresponde à imagem, você pode estar diante de uma montagem.

O SITE TEM FORMATAÇÃO ESTRANHA? MUITAS PROPAGANDAS? OUTRAS JANELAS SE ABREM AUTOMATICAMENTE DURANTE A LEITURA? Desconfie. Veículos sérios se preocupam com o aspecto visual.

8 UMA NOVA MANEIRA DE LER E ESCREVER

O novo documento incorpora ao ensino-aprendizado da língua materna as especificidades da leitura e da escrita em ambientes digitais. Escrever cartas ou avisos, por exemplo, não é o mesmo que escrever e-mails ou publicações de Facebook. A produção de um texto, ou mesmo a sua leitura, em um ambiente digital, envolve sempre a dimensão do hipertexto. Além disso, os textos digitais podem recorrer, tanto em sua composição quanto nos links que apresentem, a conteúdos dos mais diferentes tipos, incluindo áudios, vídeos, imagens etc., que ajudam a atribuir significado à mensagem. A Base não só considera esse potencial multissemiótico ou multimodal dos textos, como estimula seu estudo e produção, em classe.

9 PRÁTICAS DE ORALIDADE: OBJETIVOS DEFINIDOS

Nos PCNs, havia apenas a indicação de se abordar a linguagem oral no âmbito do uso. A BNCC amplia e aprofunda esse enfoque, explicitando a cada ano o que deve ser trabalhado, de acordo com as práticas dos diferentes campos de atuação ou esferas sociais em que os alunos estão inseridos.

>>>NA PRÁTICA

Entre o 1º e o 5º ano, por exemplo, está previsto, no Campo Artístico-Literário, um trabalho que envolve a contação de histórias como objeto de conhecimento e que busca desenvolver a habilidade de "Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem e textos literários lidos pelo professor".

Nos 3º, 4º e 5º anos a proposta é trabalhar, no Campo das Práticas de Estudo e Pesquisa, a "escuta de textos orais" como objeto de conhecimento, vinculada à habilidade de "Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário".

No 4º ano é mencionado, no Campo da Vida Pública, o trabalho com "planejamento e produção de texto" como objeto de conhecimento, visando a desenvolver a habilidade de "Produzir jornais radiofônicos ou televisivos e entrevistas veiculadas em rádio, TV e na internet, orientando-se por roteiro ou texto e demonstrando conhecimento dos gêneros jornal falado/ televisivo e entrevista".

10 LIBERDADE NA DEFINIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Nos PCNs, para cada eixo temático da área de Língua Portuguesa, havia um bloco de conteúdo chamado de Tratamento didático, onde eram explicitados alguns procedimentos para implementar em classe

a teoria contida no documento. Na Base, esse tipo de direcionamento não existe, porque há um entendimento de que as redes e escolas precisam ter autonomia para utilizar as metodologias que considerarem mais apropriadas ao seu público, considerando a realidade local e regional, entre outros parâmetros importantes.

// O QUE NÃO MUDOU

Embora traga avanços expressivos para o componente, a BNCC ainda mantém muitos dos pressupostos já adotados nos PCNs:

>>> A centralidade do texto para a definição de conteúdos, habilidades e objetivos, partindo do gênero discursivo a que ele pertence;

>>> A adoção de uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, em que os textos aparecem sempre relacionados aos seus contextos de produção;

>>> O objetivo de desenvolver habilidades necessárias à participação em práticas de linguagem (escuta, fala, leitura e escrita) e a preferência pela metodologia de aprendizagem ditada pelo uso da linguagem, em que a reflexão se segue ao uso e serve para incrementá-lo.

Fontes: Cristiane Mori, professora do Instituto Singularidades, **Egon de Oliveira Rangel,** professor do Departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), **Luciana Falciano Oruz,** analista pedagógica do Serviço Social da Indústria (SESI-SP), **Maria José Nóbrega,** professora do curso de Especialização em Formação de Escritores do Instituto Superior de Educação Vera Cruz e **Marianka Santa Barbara,** formadora de professores na Comunidade Educativa CEDAC.

CAPÍTULO 2 // COMO ERA E COMO FICOU

O que muda entre os PCNs e a BNCC de Língua Portuguesa?

Conheça as principais mudanças listadas para cada uma das práticas de linguagem: Escrita, Leitura, Produção de Texto, Oralidade e Análise Linguística

TEXTO: RITA TREVISAN

EIXO LEITURA

COMO ERA NOS PCNS
>>> Havia uma recomendação de que os textos fossem considerados em um contexto. Os gêneros textuais se baseavam sobretudo na linguagem escrita e nos suportes analógicos, como cartazes, jornais, livros etc.

COMO FICOU NA BNCC
>>> Há uma atenção especial à questão da escuta ativa, como um comportamento necessário à interpretação do texto oral, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

>>> As habilidades de leitura constantemente aparecem integradas aos campos de atuação, uma vez que a língua é estudada sempre em relação ao seu uso social. O contexto de produção continua fundamental para o trabalho com a leitura.

>>> A cultura digital entra em cena com os textos multimodais, em que as produções escrita e a audiovisual interagem. Ao fim do Ensino Fundamental, os alunos precisam estar capacitados a ler, compreender e criticar essas produções.

EIXO ESCRITA

COMO ERA NOS PCNS
>>> A escrita já era abordada em sua dimensão discursiva, ou seja, enquanto produto da interação social, mas a produção de textos aparecia como um conteúdo essencialmente procedimental, demandando uma metodologia adequada à aprendizagem desse "saber fazer".

COMO FICOU NA BNCC
>>> A BNCC inclui, de forma objetiva, alguns determinantes sociais da escrita, no momento da produção textual: os próprios campos, o gênero, a situação de comunicação, o interlocutor, a variação linguística etc.

>>> Frequentemente, a habilidade de produção aparece articulada com outras práticas linguísticas, especialmente as de leitura e as de análise linguística/semiótica.

>>> O novo documento traz ao processo de ensino-aprendizado da Língua Portuguesa as especificidades da leitura e da escrita em ambientes digitais.

EIXO GRAMÁTICA, ANÁLISE LINGUÍSTICA E SEMIÓTICA

COMO ERA NOS PCNS
>>> A partir da perspectiva de que a língua deveria ser considerada em situações de uso, os PCNs minimizaram as questões gramaticais, que não foram tratadas de forma objetiva.

COMO FICOU NA BNCC
>>> Questões gramaticais estão mais explicitadas, a cada ciclo do Ensino Fundamental.

>>> A BNCC propõe que a análise da língua seja feita de maneira contextualizada às práticas sociais. A memorização de regras deve ser substituída pela compreensão das formas de uso, de acordo com a situação.

>>> A análise linguística, em classe, deve abranger textos multimodais e multissemióticos.

"SEMPRE QUE FOR PERTINENTE, DEVE-SE VINCULAR O CONHECIMENTO GRAMATICAL COM OUTRAS DIMENSÕES DA REFLEXÃO, POR EXEMPLO, COM OS EFEITOS ENUNCIATIVOS OU PRAGMÁTICOS, OU QUANDO VINCULAMOS A MORFOLOGIA DAS PALAVRAS COM A ORTOGRAFIA."

Mirta Castedo, pesquisadora argentina e professora da Universidade de La Plata, no artigo "Reflexão Sobre a Linguagem"

EIXO ORALIDADE

COMO ERA NOS PCNS

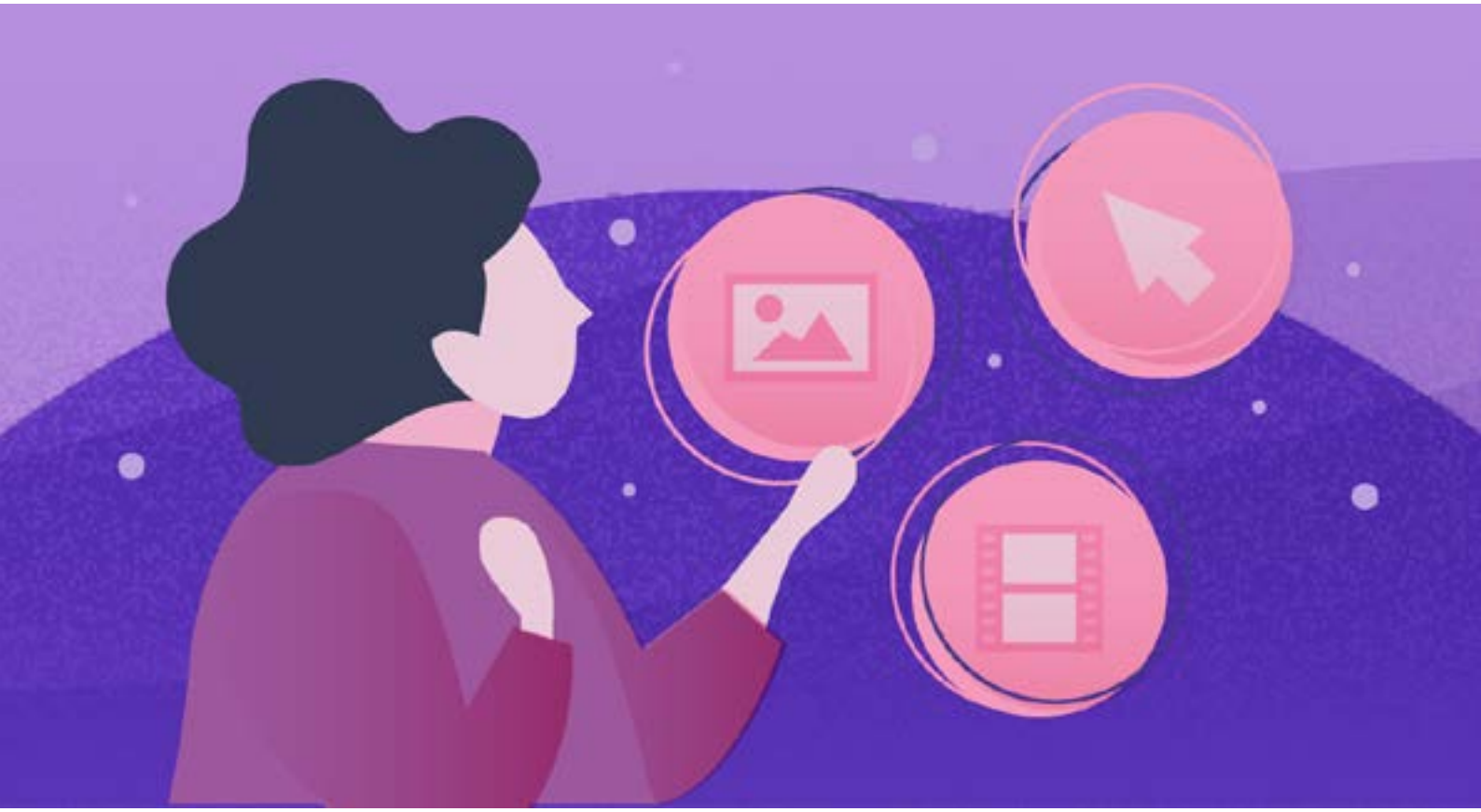
>>> O documento já compreendia a ideia de que a aprendizagem da linguagem ocorre por meio do uso que fazemos dela, na interação com o outro. A análise da língua oral e/ou escrita é feita considerando que se trata de um instrumento de interação social.

>>> Havia apenas a indicação genérica de se abordar a linguagem oral nesse âmbito, porém, em relação ao "como fazer", o documento era mais genérico.

COMO FICOU NA BNCC

>>> A capacidade de se produzir discursos — orais ou escritos — adequados às situações é tomado na BNCC como um fundamento pedagógico, tendo em vista a necessidade de formar usuários competentes da língua.

>>> A Base prescreve os conhecimentos essenciais, as competências e as habilidades linguísticas relacionadas às práticas de oralidade, que se espera que as crianças e os jovens desenvolvam em cada etapa da Educação Básica em todo país.



CAPÍTULO 3 // EXEMPLO PRÁTICO

Conheça seis gêneros digitais sugeridos pela BNCC

O documento propõe trabalhar também com áudio e vídeo em formatos bastante conhecidos pelos jovens na internet. Veja as principais características de alguns deles e seus exemplos

TEXTO: RITA TREVISAN

A Base sugere que novos gêneros sejam incorporados às aulas. O professor pode apresentar conteúdos com os quais os jovens já estejam familiarizados, sugerindo um debate sobre dimensões como a maneira como são elaborados e os princípios éticos envolvidos, além de analisar a linguagem em si.

1 TRAILER HONESTO

Assim como o trailer convencional, é um videoclipe criado para anunciar um filme. No entanto, é geralmente produzido por leigos ou fãs de cinema e não pela indústria, o que faz com que os aspectos negativos prevaleçam nos comentários e cenas.

2 E-ZINE

É um fanzine, com características de uma revista temática e periódica, porém, distribuído pelos melos digitais (e-mail ou pela publicação em um site ou canal de vídeos).

3 GAMEPLAY

Vídeo que mostra um ou mais jogadores interagindo com um determinado game. Ele explora todas as possibilidades do jogo e, em geral, traz orientações aos iniciantes.

4 DETONADO

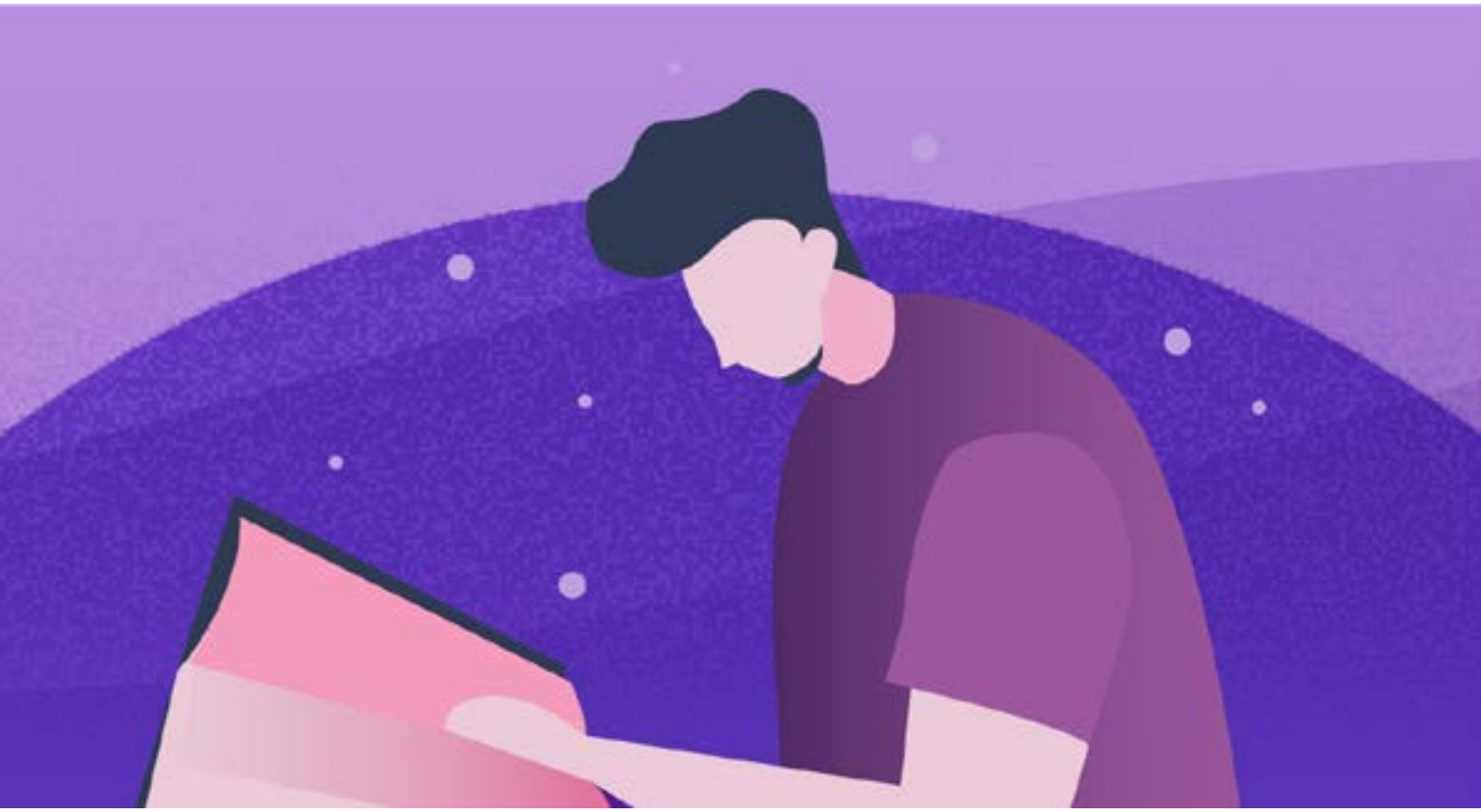
É uma variação do gameplay. Nesse caso, o vídeo mostra um passo a passo que ensina a vencer cada uma das etapas do jogo, geralmente com legendas de texto ou texto e imagens (capturas de tela).

5 PASTICHE

Caracteriza-se como um texto literário escrito conforme o estilo de outro escritor consagrado. Porém, a função não é criticar o original, justamente o que diferencia o gênero da paródia. Um exemplo é o livro Amor de Capitu, de Fernando Sabino, em que a história do clássico de Machado de Assis Dom Casmurro é recontada do ponto de vista da personagem Capitu.

6 CIBERPOEMA

Poemas construídos em meio digital, que suporta animações e permite, em muitos casos, a interação com a produção do autor e até a criação de novos textos. Veja exemplos no site ciberpoesia.com.br



CAPÍTULO 4 // COMPETÊNCIAS

Por dentro das competências da Língua Portuguesa

A BNCC avança e aprofunda o entendimento da língua oral e escrita como um instrumento de interação social, contextualizado, dinâmico e histórico. Mas, para trabalhar todas essas dimensões em sala de aula, é preciso estar atento a alguns pontos importantes

TEXTO: RITA TREVISAN

Levar os novos pressupostos trazidos pela Base à sala de aula é um desafio que passa, em primeiro lugar, pelo entendimento dos principais pontos da mudança. A segunda etapa é pensar em como essa teoria pode ser traduzida em atividades práticas, organizadas no planejamento das aulas, a fim de desenvolver as competências específicas que precisam ser consideradas no componente. A seguir, algumas sugestões de como fazer isso.

1 PRÁTICA SITUADA

Ao propor contextos em que os conteúdos de Língua Portuguesa devem ser passados aos alunos – por meio do estabelecimento dos campos de atuação --, a BNCC sugere que, na leitura e no estudo dos textos, sejam considerados os papéis enunciativos de quem produz, os gêneros predominantes e até mesmo os suportes, entre outras informações relevantes. Assim, é fundamental que, nas atividades da sala de aula, os estudantes sejam estimulados a não apenas ler e compreender os textos, mas a verificar quem os produz, para quem, com que finalidade. São as respostas a todas essas questões que contribuem para uma leitura mais produtiva.

2 PROGRESSÃO DOS CONTEÚDOS

A Base cita aproximadamente 170 habilidades que precisam ser trabalhadas nos alunos durante todo o Ensino Fundamental, porém, muitas delas são comuns a vários anos. Por isso, pode haver uma certa dificuldade em estabelecer uma progressão na forma como os conteúdos devem ser trabalhados. Uma sugestão é organizar as aulas a partir da escolha dos gêneros que serão tratados em cada ciclo, em interlocução com os campos de atuação. Os gêneros seriam, portanto, um primeiro elemento norteador, partindo dos mais simples para os mais complexos, conforme a capacidade de entendimento e análise do aluno.

>>>NA PRÁTICA

Para abordar o campo da vida cotidiana nas séries iniciais, pode-se começar propondo o trabalho com bilhetes, no 1o ano, por exemplo, evoluindo, no 2o, para a análise, interpretação e produção de cartas. Já para abordar o campo da vida pública, na

esfera midiática, o trabalho pode partir da leitura e da discussão de uma legenda de foto, para depois chegar ao lead e, mais tarde, ao artigo completo, considerando, assim, em ordem crescente, a complexidade textual desses conteúdos.

3 ESCOLHA DOS TEXTOS

Outro aspecto importante no que diz respeito à metodologia escolhida para se atingir os objetivos especificados na Base é a seleção dos textos. Afinal, a definição do gênero a ser trabalhado, dentro de cada Campo Temático, não basta. Ao decidir trabalhar o gênero "notícia", por exemplo, é preciso saber de onde será extraído o texto a ser analisado em sala. Afinal, há muita diferença se ele vier de um jornal especializado ou de um veículo voltado para leitores infantis. Nessa abordagem, vale levar em conta a possibilidade que os alunos terão de interagir com o texto, de acordo com seus conhecimentos prévios.

4 OS DIFERENTES USOS DA ORALIDADE

Da mesma forma que propõe o ensino da produção escrita a partir de gêneros, a BNCC indica que o estudo da oralidade deve ser feito em situações de uso, observando o contexto de produção e recepção em que ocorrem. É importante que o aluno não só reconheça as diferenças em relação à modalidade escrita, mas que trate cada gênero oral com suas características, tanto na forma composicional como no estilo, respeitando as variedades linguísticas adequadas a cada contexto.

>>>NA PRÁTICA

Uma estratégia eficaz para motivar o processo de aprendizagem é trabalhar com os gêneros orais da mesma forma que se propõe o trabalho com leitura e produção escrita, compartilhando desde o início os objetivos pretendidos com os estudantes, de acordo com a prática social e de linguagem a ser explorada. É

importante que esses objetivos estejam atrelados a um desafio a ser resolvido pelos alunos. Outro aspecto relevante diz respeito aos saberes prévios e aos temas de interesse pessoal dos estudantes, que podem ser tomados como um ponto de partida das propostas apresentadas em sala de aula.

5 COMO TRABALHAR GÊNEROS

Na prática em sala de aula, cabe ao professor garantir a apropriação pelos alunos das práticas comunicativas presentes na sociedade, a partir de um trabalho progressivo e aprofundado com os gêneros textuais orais e escritos. A Base incorporou novos gêneros com os quais os alunos estão bastante familiarizados. Porém, o próprio documento alerta para o fato de que conhecer o gênero não significa levar em conta suas dimensões ética, estética e política. É o professor quem vai guiar o aluno nesse sentido. O mais importante é fazer com que os alunos sejam capazes de compreender a intencionalidade, o contexto discursivo, os efeitos de sentido presentes nos mais variados textos, apresentando-os uma nova compreensão da língua, do seu funcionamento e uso. Também é papel do professor, em conjunto com a escola, fazer uma análise crítica dos muitos gêneros apresentados pela Base, para entender quais deles realmente terão relevância no grupo escolar. Conhecer os gêneros pelos quais os alunos de cada classe transitam pode ser o primeiro passo. Se os estudantes tiverem mais domínio de um determinado gênero que o próprio professor, uma alternativa é pensar em uma dinâmica, em classe, que favoreça a troca de conhecimentos.

>>>NA PRÁTICA

Na sala de aula, gêneros novos e outros já tradicionalmente usados na escola podem se complementar. O estudo das biografias, por exemplo, pode ser confrontado com as práticas de draw my life que se popularizaram na internet. Os alunos podem trazer o seu conhecimento no consumo e produção do gênero mais recente e o professor pode ampliar as perspectivas, mostrando que há outras formas de contar a história de vida, apresentando exemplos e conduzindo os estudantes a pensarem nas potencialidades de cada uma dessas propostas.

6 MULTIMODALIDADE NA PRÁTICA

A multimodalidade é uma realidade e precisa ser trazida para o ambiente escolar. Mas vale destacar a atenção ao suporte. Sempre que possível, é importante que o aluno leia o texto onde ele foi veiculado, para que possam ser replicados, em sala de aula, os modos de ler próprios desses meios. Na cartilha, textos diferentes têm o mesmo tratamento didático. Já a leitura nos suportes digitais, por exemplo, compreende condições e recursos diferentes: há a possibilidade de expandir e ocultar trechos dos textos, acessar links para áudios, infográficos animados etc.

7 RESPEITAR E APRECIAR AS DIFERENÇAS

Estima-se em mais de 250 as línguas faladas no país, um patrimônio cultural e linguístico que ainda está muito distante dos jovens que estão na escola. Nos PCNs, as questões relacionadas à diversidade estavam contempladas nos temas transversais. Já na Base, a orientação para o trabalho com textos que expressem essa diversidade aparece de forma mais estruturada. Para materializar a teoria em ações práticas, em sala, uma orientação é selecionar textos, nos diversos anos do Ensino Fundamental, que deem conta de abarcar essa diversidade, escolhendo entre autores clássicos e contemporâneos, regionais, nacionais e estrangeiros, incluindo os de origem africana, indígena etc.

>>>NA PRÁTICA

Confira uma lista de livros que podem ser usados para trabalhar a questão da diversidade, com foco nas culturas africana e indígena. O objetivo é que o aluno conheça e valorize as realidades nacionais e analise diferentes situações dos usos linguísticos.

Meu vô Apolinário. Daniel Munduruku. Editora Studio Nobel
O livro conta a história do menino Daniel e da convivência com o avô que lhe ensinou o orgulho de ser indígena, a reverência à tradição, o respeito à natureza, entre outros valores fundamentais. A obra deu a Daniel Munduruku a Menção Honrosa no Prêmio Literatura para Crianças e Jovens na Questão

Tolerância, em 2003, concedido pela UNESCO.

A mulher que virou urutau. Olívio Jekupe e Maria Kerexu. Editora Panda Books. Traz a lenda indígena sobre a origem do pássaro urutau, a ave que, para se defender dos predadores, fica completamente imóvel nos troncos das árvores. A história gira em torno de duas irmãs da aldeia que se apaixonam pelo mesmo guerreiro e é contada em português e em guarani.

A pescaria do curumim e outros poemas indígenas. Tiago Hakiy. Editora Panda Books. A obra retrata a beleza da floresta amazônica por meio de poemas escritos pelo descendente do povo sateré mawé e pelas coloridas ilustrações de Taísa Borges.

Puratig – O remo sagrado. Yaguarê Yamã. Editora Peirópolis Reúne sete histórias que compõem a tradição dos índios sateré mawé, que ainda vivem nos Estados do Amazonas e do Pará. As ilustrações foram feitas pelo próprio autor, especialista em pintura corporal, e pelas crianças da tribo.

As fabulosas fábulas de Iauaretê. Kaká Werá Jecupé. Editora Peirópolis. Composto de 16 histórias, o livro traz algumas fábulas relativamente conhecidas, de origem indígena, além de histórias criadas pelo autor, que ajudam a resgatar o patrimônio cultural de quatro etnias distintas: tupis, kadiweus, mundurukus e bororos.

Olelê – Uma antiga cantiga da África. Fábio Simões. Editora Melhoramentos. Conta a história de uma cantiga, originária da República Democrática do Congo, região que o autor visitou pessoalmente. A canção cita palavras de origem bantu introduzidas no Brasil na época da escravidão e fala sobre uma enchente que acontece em um grande rio local e que obriga a população a enfrentar a correnteza e se mudar para outro lugar.

Sikulume e outros contos africanos. Júlio Emílio Braz. Editora Pallas. Resgata sete histórias africanas, repletas de poesia, envolvendo romance, aventura e terror. As ilustrações são de Luciana Justiniani, que vive em Moçambique.

Omo-Obá – Histórias de princesas. Kiusam de Oliveira. Editora Mazza. Apresenta ao leitor seis princesas que são, na realidade,

divindades da mitologia iorubá, a exemplo de Oiá, Olocum, Oxum e Iemanjá. A história versa sobre os dons especiais de cada uma e de como devem ser aplicados para não causar danos a elas e nem às outras pessoas.

Angola Janga. Marcelo D'Salete. Editora Veneta. É um romance histórico em quadrinhos que fala de Zumbi e de outros líderes da resistência aos ataques militares holandeses e às forças coloniais portuguesas, organizados em Angola Janga, em Pernambuco, no final do século XVI.

8 ESCUTA ATIVA

Favorecer a escuta ativa é algo que aparece como um direcionamento claro na BNCC. A proposta é oralizar o texto escrito, com a leitura em voz de alta de um texto, por um leitor mais experiente. O recurso deve facilitar a compreensão do texto no caso das crianças que ainda estão em processo de alfabetização ou, nos anos finais do EF1, favorecer a interpretação de textos mais complexos e ainda desconhecidos dos alunos. É importante, no entanto, que, no processo de progressão dos conhecimentos, os alunos possam participar de atividades escuta, leitura compartilhada e leitura autônoma – em silêncio e em voz alta – para atingir a proficiência desejada.

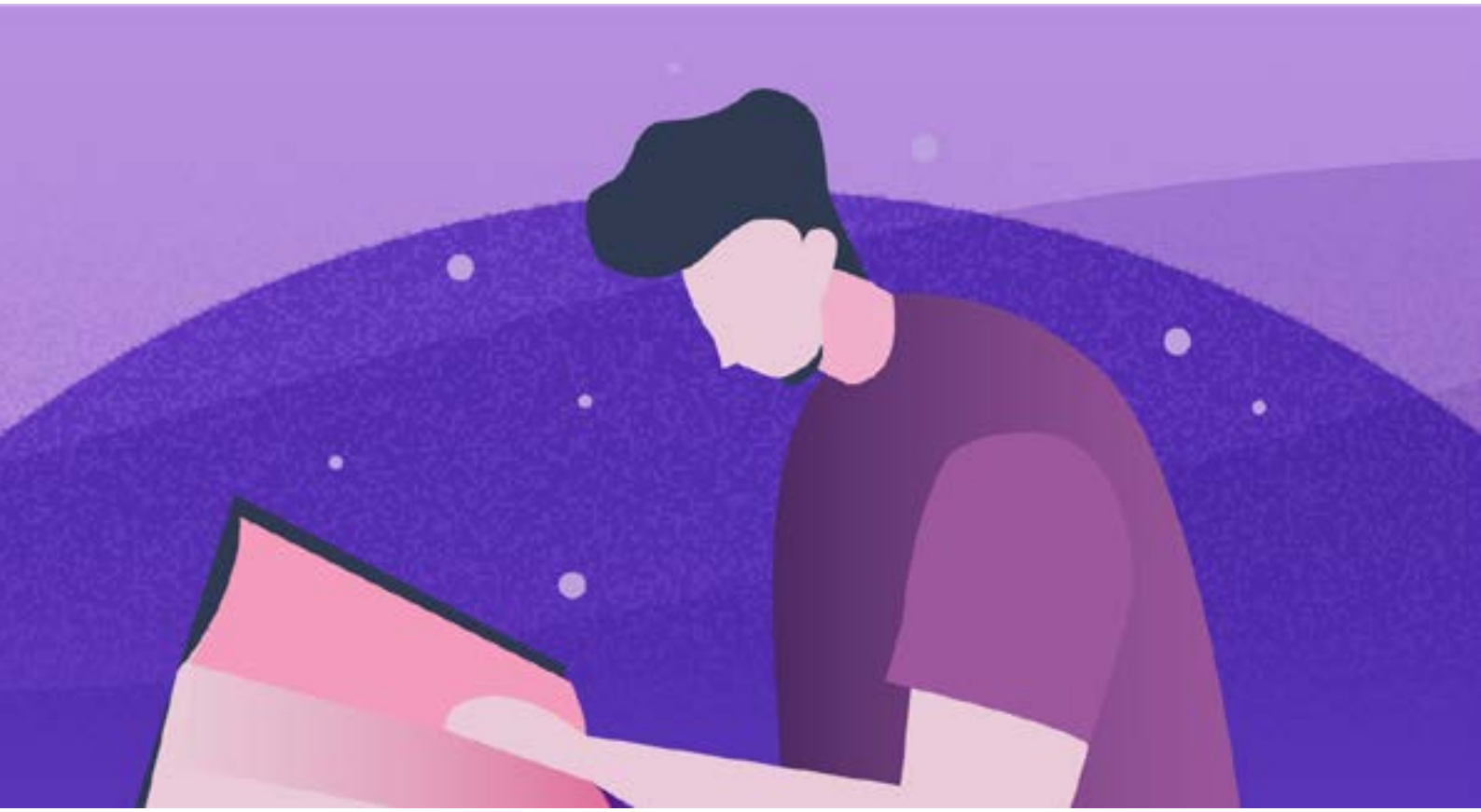
9 O QUE NÃO PODE FICAR DE FORA

A BNCC traz quadros que são propostos para detalhar e explicar o que deve ser contemplado em cada um dos eixos ou, mais especificamente, em cada uma das práticas de linguagem. No dia a dia da sala de aula, será fundamental considerar essas dimensões para que os conteúdos propostos e as habilidades sejam contemplados. Esse mesmo movimento de indicar as dimensões pelas quais as práticas devem

ser abordadas são apresentadas para as práticas de leitura, produção de textos orais e escritos, oralidade e análise linguística/ semiótica.

>>>NA PRÁTICA

Vamos tomar como exemplo o eixo leitura e o quadro disposto às páginas 70, 71 e 72 da BNCC, que afirma sob quais perspectivas essas práticas devem ser abordadas. Nesse exemplo, mencionam-se a reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/ campos de atividade humana; a dialogia e relação entre os textos, a reconstrução da textualidade, recuperação e análise da organização textual, da progressão temática e estabelecimento de relações entre as partes do texto, a reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações, a compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos, as estratégias e (os) procedimentos de leitura e, finalmente, a adesão às práticas de leitura.



CAPÍTULO 5 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA

BNCC: entre tantas mudanças, muitas continuidades

O texto de Língua Portuguesa atualiza os PCNs, mas não significa um rompimento grande com o que se defendia anteriormente

Marcelo Ganzela,
é professor de Língua Portuguesa, mestre em Letras e coordenador do curso de Letras do Instituto Singularidades

Mudanças curriculares sempre geram ansiedade na escola, especialmente entre o corpo docente. Não seria diferente com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em termos práticos, todas as escolas da Educação Básica brasileira serão norteadas, de alguma forma, por esse documento. Baixada a poeira da aprovação da BNCC, ao analisar o que realmente mudará na nossa prática pedagógica, vemos que ainda há muitos sinais de continuidade com o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já defendiam.

O ano de 1998 foi um divisor de águas: com a chegada dos PCNs, um movimento de uniformização tomou conta das salas de aula do país, respeitando as diversidades e o contexto de uma nação continental como a nossa. Naquele documento, muitas inovações estavam presentes e parte delas permanece atual até hoje, são elas que se mantêm na proposta da BNCC.

Lendo ambos os documentos, percebemos que a concepção de linguagem continua a mesma. Aliás, é a concepção mais moderna e aceita atualmente, que entende a linguagem como

produto da interação social. Continuamos com o texto como objetivo central do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seguimos com as orientações para trabalhar os gêneros discursivos e seus contextos de produção; desenvolver as práticas escritas e orais e conduzir a reflexão sobre a linguagem por meio de práticas de análise linguística. Tudo isso já compunha o norte curricular dos PCNs. Portanto, professor, professora: pode se acalmar. Nesses itens, continuamos em um bom caminho.

Mas de 1998 até hoje, já se passaram 20 anos. Uma reforma curricular não poderia ignorar esse período temporal. Foram 2 décadas de avanços nos estudos sobre ensino de língua e literatura. Assim, encontramos novos elementos que devem compor as temáticas das aulas de português. Nesse cenário, vou pontuar três aspectos que chamam mais a atenção.

1. UMA PRESENÇA MAIS ROBUSTA DA LITERATURA

O texto literário, enquanto objeto estético fundamental na formação do indivíduo, aparece de maneira mais consistente no texto da Base. A literatura é apresentada como um campo de atuação (o artístico-literário) em todos os anos do Ensino Fundamental. Isso se manifesta nas habilidades descritas para cada ano. Além de garantir sua presença nos nove anos, o texto da BNCC menciona a importância do multiculturalismo na seleção dos textos: são recomendados desde os clássicos até as produções contemporâneas, passando pelas literaturas indígenas, africanas, afrobrasileiras, latinoamericanas e de literatura universal. Com certeza, trata-se de um avanço desde os PCNs.

2. ANÁLISE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA
O documento recente tenta trazer mais luz à dicotomia entre análise linguística e gramática, explicando melhor (e dando exemplos) do que é ensinar gramática e o que é realizar a prática de análise linguística, garantindo o espaço de cada uma delas na formação das crianças e jovens.

3. MULTILETRAMENTOS
Uma das mudanças mais latentes nos últimos anos, em termos de ensino de língua, diz respeito às práticas de multiletramento. Os avanços tecnológicos e a sociedade conectada foram um campo fértil para o surgimento de novos gêneros discursivos, multimodais, colaborativos e híbridos. Ler significa, em sua completude, ler múltiplas linguagens, todas presentes em um único texto, muitas vezes: verbal escrita, verbal oral, sonora não verbal, visual etc. A escola não poderia continuar à margem dessas práticas sociais.

E O PROFESSOR, COMO FICA?
Se eu pudesse dar um único conselho para o professor, eu diria: fique calmo! Você continua fazendo um trabalho muito bom em sala de aula. A BNCC não vem para romper com o que já estava sendo feito, mas para acrescentar novos aspectos, temáticas e práticas que vão atualizar o trabalho em classe. Afinal, faz parte da carreira a formação continuada, o estudo constante. Vamos nos atualizar e acrescentar essas novidades às nossas rotinas. Sem pânico. Como diz o pessoal da minha terra: “Não precisamos jogar o bebê fora junto com a água da bacia”.

CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR

Roxane Rojo: “Finalmente, entramos no século 21 no ensino de linguagem”

Para uma das maiores estudiosas de língua portuguesa do Brasil, a BNCC representa um avanço no ensino que muitos países mais desenvolvidos ainda não têm

TEXTO: RITA TREVISAN

"A minha percepção é a de que finalmente entramos no século 21, com um avanço importante na área de Linguagem." É assim que a professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Roxane Rojo, define as mudanças trazidas pela BNCC para o componente. A docente é uma das mais importantes estudiosas do ensino de Língua Portuguesa no país e autora de livros como Hipermodernidade, Multiletramento e Gêneros Discursivos.

Roxane afirma que se surpreendeu com a última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que traz avanços expressivos, mesmo em relação ao contexto internacional. "Há muitos outros países, inclusive europeus, que, a meu ver, estão recuando no tempo com seus currículos. Enquanto aqui estamos evoluindo rapidamente", diz. Em entrevista concedida à NOVA ESCOLA, a especialista explica essa percepção, além de elencar os principais desafios colocados ao professor.

Em relação aos PCNs, a BNCC traz avanços importantes para o componente da Língua Portuguesa?
Roxane Rojo: A Base consolida alguns conceitos que já estavam contemplados nos PCNs, como a importância de se basear o estudo da língua nas práticas de linguagem. Por outro lado, ela traz componentes novos, relacionados ao impacto da tecnologia, às competências e habilidades que precisarão ser desenvolvidas nesse novo contexto. E a inclusão dos novos gêneros expressa isso. Na minha opinião, a Base traz posicionamentos, nas competências e habilidades, condizentes com o momento histórico e social que estamos vivendo. É claro que isso também vai impactar o papel do professor, que deve ser o de alguém que compartilha conhecimento. Em muitos casos, o professor não será o único especialista no assunto, os alunos vão trazer seus conhecimentos e haverá uma troca, a meu ver, muito proveitosa.

Como fazer a interlocução entre tantas práticas, objetos de conhecimento e habilidades apresentados no documento?
Acho muito importante lembrar que a Base não é um currículo, mas tem que ser obedecida. Os currículos têm que se basear nela, mas a maneira como vão desdobrar os pressupostos teóricos em conteúdos e fazer essa interlocução é algo que os estados, os munícipios e as escolas terão de discutir. Um ponto que eu considero muito importante, em relação a essa questão, é que sejam contempladas as realidades locais. Tanto

para a escolha do que será estudado – quais gêneros entre os inúmeros propostos, por exemplo -, quanto para a maneira de apresentar esse conteúdo aos alunos, dependendo dos recursos que cada escola e cada professor consegue acessar.

Os Campos de Atuação, que aparecem mais estruturados na Base, também vão influenciar na prática do professor, no dia a dia da escola?
Vão influenciar muito. Estamos partindo da concepção de que os textos fazem sentido – sejam eles digitais ou impressos – em um determinado contexto, regido pelo campo de atuação. Afinal, as interações são feitas de maneiras diferentes dependendo do contexto. Agora, a ideia é que o professor preste atenção a como esses campos funcionam e como os gêneros se encaixam em cada um. Em resumo, o objetivo é se aproximar mais das habilidades de interpretação do que de decodificação. A proposta

"OS TEXTOS DEVEM FAZER SENTIDO EM UM CONTEXTO REGIDO POR UM CAMPO DE ATUAÇÃO "
Roxane Rojo

é trazer o conceito de gênero para algo que faz parte da vida da linguagem e não para algo que simplesmente organiza estruturas. O objetivo não é fazer o aluno estudar qual é a forma de composição dos gêneros, mas preparar o jovem para ler, entender, inferir a ideologia que o texto traz e ainda ser capaz de atuar em relação àquele conteúdo.

A Base traz muitos gêneros novos. Como isso deve chegar à sala de aula?
Há uma infinidade de gêneros citados e é preciso que se escolha aquilo que combina com os objetivos de aprendizagem, com o que se pretende ensinar. Gêneros, hoje em dia, são multimodais, multissemióticos, misturam linguagens, na internet predominantemente. Mas muitos deles se complementam. Posso fazer os alunos lerem *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e, ao mesmo tempo, confrontar com trechos da minissérie televisiva Capitu, por exemplo.

Há que se considerar a falta de acesso à tecnologia, dentro das escolas, como uma barreira?
Acho que essa é uma questão menor. Atualmente, todas as escolas estão razoavelmente conectadas e boa parte dos alunos, em todas as classes sociais, tem um celular. O maior desafio, para o professor, vai ser o de se familiarizar com esses novos gêneros. Mas, ao mesmo tempo, ele terá a oportunidade de aprender com os alunos. Para isso, a pedagogia tem que mudar, tem que haver mais espaço para a interação.

A Base propõe um diálogo muito mais amplo com a cultura pop. O que deve surgir dessa interação?
A ideia é trazer o que os alunos estão familiarizados a consumir fora da escola, com o objetivo de prepará-los para uma leitura mais crítica desses conteúdos, como vídeos etc. Não é só para valorizar, para dizer que estamos atualizados, mas até para colocar os gêneros mais tradicionais, como os jornalísticos e a literatura, em relação com esses gêneros que os jovens conhecem bem, e que são mais recentes. O aluno pode, por exemplo, fazer uma playlist e, depois, escrever uma resenha baseada naqueles artistas que ele escolheu e de quem ele realmente gosta. Ou seja, a ideia não é só trabalhar os gêneros novos, mas ampliar as possibilidades, até mesmo para dar a oportunidade ao aluno de comparar e perceber as diferenças entre eles.

Na sua opinião, as questões relacionadas à gramática perderam espaço na Base?
Bakhtin (Mikhail Bakhtin, pesquisador, pensador e filósofo dedicado ao estudo da linguagem humana, que viveu entre os anos de 1895-1975) já dizia que deveríamos partir do contexto em que o enunciado foi gerado, em um segundo momento entender que impacto ele tem na forma de composição do enunciado – o que eu escolho falar primeiro, o que vem depois – e, em terceiro lugar, pensar no estilo de enunciado, que são as escolhas gramaticais. Quando a gente fala em Campo de Atuação, caminhamos nesse sentido. Então, não é que a Gramática não apareça, a questão é que ela não constitui, por si só, currículo. No lugar dela, entraram as práticas de linguagem. E agora estamos falando de práticas de linguagem em gênero. A gramática está, portanto, embutida no gênero que o professor escolher. Dessa forma, o aluno vai olhar a gramática em seu funcionamento e não como um conteúdo isolado.

Como é possível avançar na produção multimodal, dentro da escola?

Uma coisa é certa: o digital precisa entrar na escola. Comparar uma notícia que saiu na maior rede de televisão com várias versões desse mesmo fato publicadas na Internet, por exemplo, pode ser muito interessante. Mas produzir esse conteúdo vai depender de um trabalho conjunto entre professor e aluno. Porque o professor pode até ser um usuário que aprecia conteúdos multimodais da Internet e da televisão, por exemplo. Mas, em geral, não vai ter as habilidades de produção. Pode ser que assista vídeos, mas não saiba editar clipes. Por outro lado, o aluno pode ter mais experiência em edição e mais dificuldade com o roteiro, que é algo que o professor domina. Cada um precisa entrar com o seu saber.

De que forma os professores podem trabalhar para trazer o aspecto da diversidade cultural expressa nos textos?
Acho que isso precisará ser pensado no momento de se organizar os

"A DIVERSIDADE CULTURAL DEVE ENTRAR A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO"
Roxane Rojo

currículos, porque é importante que essa diversidade realmente apareça e seja contemplada. Eu colocaria mais a questão da diversidade em relação a aspectos regionais, rurais e das culturas ancestrais, como as indígenas. Isso está presente na Base, na minha opinião, de maneira muito tímida.

Onde os professores poderão buscar apoio para fazer as adaptações necessárias?
Os professores receberão material digital complementar, agregado ao material didático tradicional, o que vai ajudar a minimizar as dificuldades com a produção de conteúdos multimodais, um desafio sobre o qual nós já falamos. Porém, só isso não será suficiente. É necessário demandar mais material de apoio para as aulas, para que os objetivos colocados possam ser atingidos. Outro caminho possível, que eu volto a reforçar, é estar aberto para aprender com o aluno, o que pode ser, inclusive, muito divertido.

CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO

Conheça as melhores obras para se aprofundar na BNCC de Língua Portuguesa

Livros lançados nos últimos anos já trazem alguns dos pressupostos teóricos e metodológicos presentes na BNCC. Veja as principais referências para planejar as suas aulas

CONSULTORIA: MARCELO GANZELA

// LIVROS

***Gêneros orais e escritos na escola*, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz. Editora Mercado das Letras** — Traz orientações práticas sobre como ensinar a partir dos gêneros selecionados pela escola a cada ciclo, algo que os PCNs já propunham como metodologia e que a BNCC consolida em seu texto.

***Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Luiz Antonio Marcuschi. Cortez Editora** — O autor mostra que não há uma dicotomia entre oralidade e escrita, a partir da análise de gêneros textuais variados.

***Gêneros textuais e ensino*, Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (org.). Parábola Editorial** — Apresenta gêneros conhecidos e que adquiriram novas funções comunicativas – em virtude das mudanças nos suportes da mídia escrita –, além de gêneros novos que podem ser trabalhados na escola, indicando como podem ser tratados para efeitos didáticos.

***Aula de português: encontro e interação*, Irandé Antunes. Parábola Editorial** — Sugere uma reorientação na forma de ensinar língua portuguesa, a partir dos avanços trazidos pelas pesquisas mais recentes envolvendo o tema. Seu foco está nas práticas de leitura, escrita e na reflexão sobre a língua.

***Práticas de Letramento - Caminhos e Olhares Inovadores*, Ana Maria de Mattos Guimarães, Cristiane Maria Schnack e Delaine Cafiero Bicalho (org.). Editora Mediação** — Levanta questões acerca do papel do professor na elaboração das aulas e das avaliações, focando, inclusive, a utilização do livro didático em classe.

***Reflexões Sobre Práticas Escolares de Produção de Texto,* Maria da Graça Costa Val e Gladys Rocha. Autêntica Editora** — A partir da visão de que o aluno é sujeito ativo no processo de aprendizado, faz pensar sobre o processo que permite ao estudante dos anos iniciais do Ensino Fundamental apropriar-se das habilidades textuais-discursivas.

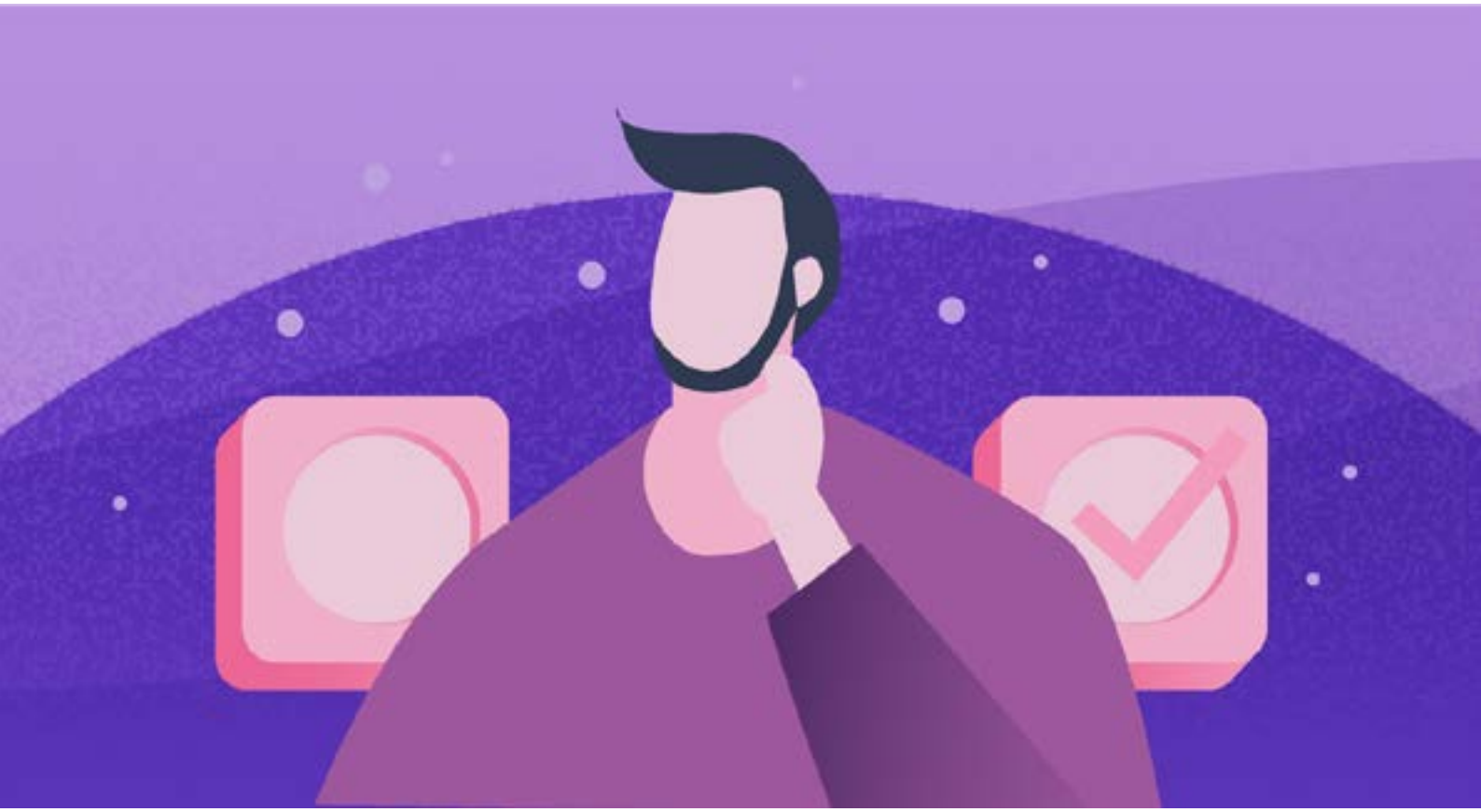
***Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, Carla Viana Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro. Autêntica Editora** — Analisa o impacto do contexto tecnológico nas escolas, na forma de aprender e ensinar a língua, com especial atenção às práticas de leitura e escrita.

***Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, Luiz Antonio Marcuschi. Parábola Editorial** — Destaca a importância de situar a língua como uma prática social e uma forma de atuar sobre a realidade, analisando, também, os processos de compreensão textual e produção de sentido.

***Escola conectada: os multiletramentos e as Tics*, Roxane Rojo. Parábola Editorial** — Propõe e mostra caminhos possíveis para preparar os alunos com as competências de leitura e produção de textos exigidas na atualidade, de forma que eles possam se reconhecer e atuar nesse contexto tão impactado pela tecnologia.

***Tecnologias para aprender*, Carla Viana Coscarelli (org.). Parábola Editorial** — Traz as reflexões de diversos pesquisadores que se dedicam à questão do letramento digital, para assinalar o que é preciso aprender e ensinar a fim de usar as tecnologias de maneira crítica, a favor da cidadania.

***Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*, Yolanda Reyes. Editora Pulo do Gato** — É uma referência teórica para o trabalho literário no Ensino Fundamental. A obra dá ênfase à formação de leitores e analisa o lugar da literatura na educação.



CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS

O que você sabe sobre as mudanças em Língua Portuguesa na BNCC?

Responda as questões a seguir com verdadeiro e falso para saber a quantas andam seus conhecimentos sobre as alterações trazidas pela Base ao componente

1 A Base propõe que novos gêneros digitais substituam outros mais tradicionais, que já estavam contemplados nos PCNs.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

2 A questão da diversidade cultural também merece destaque, sob a perspectiva dos multiletramentos, tanto quanto a cultura digital.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

3 No eixo da Oralidade, também é preciso levar em conta o impacto das tecnologias nas interações sociais e considerar gêneros como webconferência, spot e jingle.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

4 Assim como nos PCNs, na BNCC a produção textual e o consumo de textos norteiam o trabalho e a definição dos conteúdos.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

5 Segundo a Base, o aluno deve não apenas ter contato com diferentes produções textuais, mas refletir sobre as condições em que eles foram produzidos, nos vários campos da atividade humana.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

6 A leitura, no contexto da BNCC, é tomada em um sentido mais amplo, dada a relevância atual dos textos multimodais.

- [ ] VERDADEIRO
- [ ] FALSO

7 A BNCC propõe que as atividades de leitura compartilhada e de escuta ativa tenham a mesma relevância, em classe, que a leitura autônoma.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

8 Ao tratar, em sala de aula, gêneros que os alunos já conhecem bem, a atuação do professor fica limitada.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

9 Ao contrário dos PCNs, a Base não explicita o tratamento didático que deve ser dado aos conteúdos fundamentais para o componente.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

10 AConteúdos gramaticais que precisam ser memorizados pelos alunos estão explicitados de maneira clara na Base.

☐ VERDADEIRO

☐ FALSO

RESPOSTAS

1–V // 2 – V // 3 – V // 4 – F // 5 – V // 6 – V
// 7 – F // 8 – F // 9 – V // 10 – F

nova escola

QUER APRENDER MAIS SOBRE A **BNCC**

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR

REALIZAÇÃO:
associação nova escola

CO-REALIZAÇÃO:
FUNDAÇÃO Lemann